

# **O COTIDIANO DE UMA CLASSE DE EJA**

**ADRIANA DOS SANTOS PELLEGRINI<sup>1</sup>**

**CHIRLEY BRANDÃO DA SILVA<sup>2</sup>**

O grande desafio da Educação de Jovens e adultos é construir um currículo que acolha às necessidades dos alunos e considere a sua realidade social, além de permitir que professor e aluno produzam conhecimentos por meio da interação.

Trazemos neste texto a experiência vivida e construída junto a um grupo de Jovens e Adultos matriculados no curso de EJA, oferecido em uma escola pertencente ao Sistema Municipal de Ensino de Vitória (ES). Nossas discussões tomarão por referência as análises e estudos desenvolvidos por Brandão (1994) e pelas Propostas Curriculares para as Classes de EJA (2006), elaboradas pelo Ministério da Educação (MEC).

No Brasil, é a partir da década de 1930 que a Educação de Jovens e Adultos começa a conquistar espaço. Na história da EJA, três períodos são considerados cruciais para a ampliação dessa modalidade de ensino no país. As décadas de 1940 e 1950 são marcadas por grandes Campanhas Nacionais de Massa que tinham o objetivo de acabar com o analfabetismo, porém devido às deficiências internas logo foram extintas. Na década de 1960, o pensamento de Paulo Freire é disseminado por todo o país. A partir da sua proposta de alfabetização para adultos surge o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, dirigido pelo próprio Paulo Freire, mas foi extinto pelo Golpe de Estado de 1964.

Muitos outros movimentos populares de alfabetização foram originados das idéias de Paulo Freire. Carlos Rodrigues Brandão, em seu livro "O que é Método Paulo Freire", faz referência a alguns deles, como por exemplo, os movimentos populares de cultura (MCP), os centros de cultura popular do movimento estudantil (CPC) e o Movimento de Educação de Base da Igreja Católica (MEB). Por volta de 1967, o governo, de posse dos programas de alfabetização de adultos, lança o MOBRAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização).

Mais recentemente foi criado um documento que estabelece as Diretrizes Nacionais Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos, trata-se do parecer CNE/CEB 11/2000. Esse Parecer atribui à EJA a função de restaurar o direito de todos à educação escolar de qualidade, além disso, o governo fica responsável por assegurar as condições necessárias para que o acesso a esse direito seja garantido. Partindo

desse ponto, falaremos um pouco sobre como se dá esse processo na turma de EJA visitada.

## CONHECENDO A ESCOLA E O PERFIL DOS ALUNOS DE EJA

Visitamos uma turma da quarta série da EJA, e no geral, a escola possui uma boa infra-estrutura. As salas de aula são amplas, ventiladas e bem organizadas. As mesas, cadeiras e armários estão em bom estado de conservação. Os banheiros feminino e masculino são bem limpos. O pátio é extenso, a instituição ainda possui uma quadra poliesportiva, laboratório de informática, refeitório e cantina.

Na turma estão matriculados 25 alunos, dentre esses, cinco apresentam necessidades educativas especiais, sendo um com quadro de deficiência mental e quatro com deficiência auditiva. A maioria dos alunos é do sexo feminino e a faixa etária varia de 20 a 70 anos.

A clientela atendida pela EJA é constituída por moradores da região e principalmente por alunos de bairros circunvizinhos. Alguns dos alunos já são aposentados, mas a maioria trabalha nas mais variadas profissões, como domésticas, pedreiros, vendedores e caixas de supermercado.

A professora R.C. nos recebeu muito bem, foi simpática e se dispôs a responder a todas as nossas perguntas. Além disso, permitiu que conversássemos com os alunos e que acompanhássemos o desenvolvimento de algumas atividades realizadas em sala de aula. R. C. possui Pós-graduação em Planejamento Educacional e participa da formação continuada oferecida pela Prefeitura Municipal de Vitória.

## SOBRE AS OBSERVAÇÕES REALIZADAS

Os dados foram coletados por meio de entrevistas e conversas informais, além das observações realizadas durante algumas aulas. Partindo desse pressuposto, é importante, “[...] nunca perder de vista que os entrevistados numa pesquisa estão sempre situados num ambiente social, é necessário que algumas informações sejam obtidas sobre a cultura do grupo ou a instituição onde se vai desenvolver o trabalho [...]” (SZYMANSKI, 2002, p. 25). Por esse fato, procedemos de maneira gradual, para conquistar a confiança da turma.

Na primeira visita à sala de EJA, os alunos estavam fazendo atividades sobre cálculos matemáticos e números sucessores/antecessores. Pudemos acompanhá-los durante o desenvolvimento das atividades.

Durante o recreio, a professora R.C. nos mostrou algumas das atividades produzidas pelos alunos. Chamou-nos a atenção uma determinada atividade em que produziram um texto sobre sua história de vida e suas expectativas para o futuro. Foi possível perceber através dos textos, que a maioria teve uma vida bastante sofrida, no entanto, todos foram unânimes numa questão, a educação é primordial e uma necessidade básica para todos.

No segundo encontro estava sendo aplicada uma avaliação de matemática. Durante a prova, eles tiveram dificuldade para ler os enunciados das questões. A professora então leu e explicou cada questão.

Na terceira visita a professora cedeu alguns minutos da aula para conversarmos com a turma e entrevistá-los.

#### RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

De acordo com o relato da professora, a sua relação com os alunos é muito tranqüila, de muito respeito, amizade e companheirismo. Os alunos demonstram muita satisfação em tê-la não somente como professora, mas também como parceira, conselheira e confidente. Percebemos que eles chegam muito felizes e fazem questão de freqüentar as aulas assiduamente. A sala de aula é bem animada e descontraída. Entretanto, quando a aula fica tumultuada, a professora deixa a figura de amiga e impõe a sua autoridade, para reorganizar a sala de aula. R.C. ressaltou que nunca se mostra como ser superior aos alunos, mas sim se apresenta de "igual para igual", para ensinar e aprender junto com eles.

Em determinados momentos da aula, ao finalizar as tarefas, a professora abre espaço para o diálogo aberto com a turma. Conversa sobre problemas familiares, ouve relatos da vida cotidiana de cada um e ainda discute sobre temas variados como política, economia, saúde e desemprego. Também dá dicas e conselhos quanto a procurar tratamento médico e em relação aos seus direitos como cidadãos.

Algumas alunas levam os filhos para a escola, pelo fato de não ter com quem deixá-los. As crianças ficam sentadas ao lado das mães fazendo a tarefa escolar que foi passada para casa ou lendo revistas em quadrinhos que a professora lhes oferece.

#### METODOLOGIA UTILIZADA EM SALA DE AULA

Com relação aos métodos de alfabetização, a professora disse que não trabalha com um único método, pois cada aluno apresenta características diferentes e encontram-se nos mais diversos níveis de aprendizagem.

A professora relatou que ao iniciar o curso, sempre faz uma avaliação diagnóstica da turma para averiguar em que nível os alunos estão e qual o método mais adequado a ser aplicado. R.C. disse que faz essa sondagem pedindo que os alunos escrevam um pequeno parágrafo ou uma frase com o nome e falando um pouco sobre a sua vida. A partir da escrita desse pequeno trecho, ela observa se o aluno sabe escrever, se já conhece as letras do alfabeto e qual a sua necessidade ou dificuldade. Procura descobrir o perfil sócio-econômico dos alunos e conhecer a história de vida de cada um, para definir qual será a estratégia adotada no processo ensino-aprendizagem. Contextualiza as atividades que serão desenvolvidas de acordo com a realidade social e cultural da turma.

Segundo R.C., os alunos encontram-se em diversas etapas do processo de aprendizagem, alguns nunca tiveram acesso à linguagem escrita, outros apenas conhecem as letras do alfabeto, há aqueles que sabem copiar, mas ainda não conseguem dominar a leitura. Muitos alunos abandonaram a escola ainda na infância, por motivos diversos.

Durante a entrevista, perguntamos à professora se ela conhecia o Método Paulo Freire e as palavras geradoras. Ela contou-nos que as palavras geradoras surgem de debates realizados em sala de aula.

São realizadas aulas no laboratório de informática, tendo em vista introduzir os alunos no mundo digital e proporcionar-lhes acesso à internet.

Quanto à participação dos alunos durante as aulas, R.C. afirmou que todos participam ativamente, apesar de alguns sempre colaborarem mais que outros. As aulas são descontraídas e ela sempre procura incentivá-los a expressar-se, interagir, perguntar e expor as suas dificuldades.

## A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS

O jovem ou adulto que inicia ou que está reiniciando a escolarização possui uma visão de mundo muito diferente dos alunos da Educação Infantil. Sujeitos ricos em experiências de vida, os alunos da EJA já chegam à escola com crenças e valores constituídos.

A EJA recebe jovens e adultos com diferentes características. As origens, as idades, a cultura, o padrão de vida, os ritmos de aprendizagem são completamente variados. Cada aluno pertence a uma realidade, vivem sob a pressão do trabalho e possuem responsabilidades familiares. Dessa forma, seus valores éticos e morais são formados de acordo com a sua vivência cotidiana e com o contexto sócio-econômico em que estão inseridos.

Pudemos constatar essa diversidade de origens durante as entrevistas realizadas. Observamos que grande parte dos alunos da turma tem sua origem em outros Estados ou no interior do Espírito Santo. A sala é composta por alunos de Teófilo Otoni, Bananal e Mutum, cidades pertencentes ao estado de Minas Gerais. Da Bahia destacaram-se as cidades de Teixeira de Freitas e Itamarajú. Com relação ao interior do nosso Estado, entrevistamos um aluno natural de São Mateus, que fica localizado na região norte.

Ao chegar à escola, os alunos da EJA, trazem consigo inúmeros saberes adquiridos ao longo da sua vida e decorrentes da sua origem. Mas muitos demonstram encantamento diante do conhecimento que a escola propicia, por ser um saber até o momento, alheio à sua realidade. O caderno de Orientações Pedagógicas, "O Aluno e a Aluna de EJA" (2006, p. 07), desenvolvido pelo Ministério da Educação destaca que,

Essa virtude de maravilhamento com o conhecimento é extremamente positiva e precisa ser cultivada e valorizada pelo (a) professor (a) porque representa a porta de entrada para exercitar o raciocínio lógico, a reflexão, a análise, a abstração e, assim construir um outro tipo de saber: o conhecimento científico.

O saber cotidiano é decorrente dos modos de pensar e de agir do nosso dia-a-dia. Esse saber é fundamentado apenas no saber das ruas, ou seja, não pode ser considerado como conhecimento sistematizado, pois é baseado somente no "senso comum", diferente daquele conhecimento propiciado pela escola. Porém o saber adquirido no

cotidiano é pouco considerado no mundo letrado, principalmente pelas escolas. Contudo, se faz necessário destacar que o conhecimento que se adquire no dia-a-dia está relacionado diretamente ao saber escolar, são a base para nortear a prática pedagógica aplicada em sala de aula. De acordo com as Orientações Pedagógicas elaboradas pelo MEC, intitulado "O Aluno e a Aluna de EJA" (2006, p. 08),

A aprendizagem escolar, ao promover um conhecimento legitimado pela sociedade, só se torna significativa para o (a) aluno(a) se fizer uso e valorizar seus conhecimentos anteriores, se produzir saberes novos, que façam sentido na vida fora da escola, se possibilitar a inserção do jovem e adulto no mundo letrado.

É preciso considerar, também que para grande parte dos alunos jovens e adultos, buscar a escola não é tarefa simples, é na verdade, um grande desafio. É preciso desvincular-se do trabalho, da família e dos problemas financeiros para que a aprendizagem se torne efetiva, por esse fato, é muito comum na EJA, que esse processo seja marcado por "idas e vindas". Os alunos esperam que a escola vá além do processo de aprendizagem, que seja um espaço capaz de atender às suas necessidades não apenas como alunos, mas também como pessoas, que seja um processo marcante em suas vidas.

Aluna J.S. relatou que nasceu na cidade de Mutum, Estado de Minas Gerais, mas teve que mudar para Vitória, porque os seus pais viram na cidade a possibilidade de melhores condições de vida. Parou de estudar aos 14 anos de idade, porque teve que trabalhar para ajudar no sustento da família. Hoje trabalha como auxiliar de serviços gerais e tem três filhos. Disse que o maior motivo para voltar a estudar veio pelo fato de precisar acompanhar o desempenho escolar dos filhos e porque saber ler e escrever é muito necessário no seu cotidiano.

O relato da aluna nos leva a perceber que os jovens e adultos vêm na EJA a oportunidade de se integrar à sociedade letrada, pois apesar de nela encontrarem-se inseridos por direito, não podem participar de maneira efetiva, por não dominarem a leitura e a escrita. Nesse sentido, o grande desafio da Educação de Jovens e adultos é construir um currículo que acolha às necessidades dos alunos e considere a sua realidade social, além de permitir que professor e aluno produzam conhecimentos por meio da interação. A escola não deve apresentar conteúdos prontos, mas sim permitir que os alunos tornem-se sujeitos ativos e participantes no processo de ensino.

Os alunos da EJA pertencem a uma mesma classe social, no geral, são pessoas de baixo poder aquisitivo, carente até mesmo de elementos básicos à sobrevivência, por essa razão o lazer fica restrito a reuniões familiares, festas e comemorações da comunidade, a passeios dentro do bairro onde moram. Grande parte dos alunos tem na televisão e no rádio, o principal meio de lazer e de adquirir informações. A aluna V., por exemplo, disse que "quando estou em casa, gosto muito de ouvir rádio e assistir televisão". Por esse motivo, o professor precisa ficar atento quanto aos métodos empregados em sala de aula. Os conteúdos programáticos precisam estar organizados em torno dessa realidade para que despertem o interesse e a curiosidade nos alunos, tornando-os sujeitos cognoscitivos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do conjunto de reflexões que sistematizamos consideramos fundamental que no trabalho com alunos que apresentam deficiência mental o professor precisa partir daquilo que o aluno já sabe. É preciso trabalhar dentro de uma perspectiva mediadora em sala de aula, pois é por meio de suas palavras e de suas propostas pedagógicas que o aluno alcança progresso na aprendizagem. Vale ressaltar que nesse processo, o educador ainda se defronta com outros métodos e formas de conceber o saber, além da maneira sistematizada. O contato com o jeito de pensar, das suas características sociais e culturais pode levar ao enriquecimento das práticas pedagógicas.

O processo de aprendizagem do ponto de vista de Vygotsky e comprovado pelas intervenções, pode ocorrer em outros espaços além do escolar, sem, contudo, deixar de lado o conhecimento formal. Diante da interação entre professor e aluno, pode-se construir novas ferramentas para a aquisição de novos conhecimentos. As atividades do cotidiano assim como os conteúdos que o aluno adquire em casa ou na rua precisam ser relacionados ao saber sistematizado para que dê sentido à aprendizagem. Contudo, as escolas não têm utilizado a vivência do cotidiano dos alunos no processo de ensino.

Também no tocante à Educação de Jovens e Adultos, faz-se vital destacarmos que a escola para muitos alunos se constitui no único momento de lazer e de convívio social, como a maioria trabalha, as conversas informais são formas de fazerem novas amizades.

Ao chegar na escola, os alunos da EJA, trazem consigo inúmeros saberes adquiridos ao longo da sua vida provenientes da sua origem. Por esse fato, a escola precisa propiciar saberes condizentes à sua realidade.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Método Paulo Freire**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília, COEJA/SEF, 2000. Resolução CNE/SEB/1/2000.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **O aluno e aluna de EJA**. Brasília: MEC/SEF, 2006.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos**. Brasília: MEC/SEF, 2002.

SZYMANSKI, H (org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano, 2002.

---

1 - ADRIANA DOS SANTOS PELLEGRINI [dripellegrini@yahoo.com.br](mailto:dripellegrini@yahoo.com.br)

2 - CHIRLEY BRANDÃO DA SILVA [chirley-b@hotmail.com](mailto:chirley-b@hotmail.com)

Alunas do Curso de Pedagogia da FAESA, Vitória, ES, em cumprimento às atividades da disciplina EJA: Pesquisa e Práticas Pedagógicas, sob orientação do professor ADALVO DA PAIXÃO ANTONIO COSTA, [adalvocosta@terra.com.br](mailto:adalvocosta@terra.com.br)